

# Ser musicista em espaços alternativos de formação musical: um estudo sobre tocar na Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial e a representação feminina nestes espaços

*GTE 09 - Educação Musical em Espaços Alternativos de formação*

## Comunicação

*Bianca Guerra Bioni  
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)  
bibioni\_gb@hotmail.com*

*Regina Finck Schambeck  
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)  
regina.finck@udesc.br*

**Resumo:** O presente texto é um recorte da pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Música que teve como objetivo identificar os processos de formação e educação musical no contexto da Sociedade Musical Filarmônica Comercial, descrevendo as atividades musicais desenvolvidas, a trajetória e as motivações de duas musicistas ao ingressarem na instituição musical e nela permanecerem até os dias atuais. Este recorte trata dos aspectos voltados para a participação na banda e como é ser musicista mulher neste espaço, a partir das narrativas. O trabalho apresenta abordagem qualitativa, a partir da realização de entrevistas abertas. A revisão de literatura trata das concepções referentes ao ambiente de educação e formação musical que é a banda de música. As falas das duas musicistas ajudam a compreender o quão importante é o papel que essas instituições representam para a formação musical do instrumentista e também do público ouvinte. As narrativas das duas musicistas também reforçam que ainda há um certo preconceito da presença de mulheres nas Bandas, mas que a presença feminina vem ocupando esses espaços com maior frequência e cada vez mais assumindo dupla função, a de instrumentistas e formadoras de novos músicos.

**Palavras-chave:** Banda de Música. Musicista Mulher. Educação Musical.

## Introdução

O presente artigo é de um recorte da pesquisa de trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Música, intitulado “Tocando na Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial: Narrativas de duas musicistas”(BIONI, 2021), que teve como objetivo analisar os processos de formação e educação musical da Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial. Este trabalho em específico irá abordar como é participar da banda de música, tratando alguns aspectos como ensaios, instrumentos, integrantes, e finalidades da banda; e como é ser mulher neste espaço de formação musical, a partir das narrativas de duas musicistas.

O interesse pelo tema decorre da participação de uma das autoras que ingressou na Filarmônica em 2010, como aluna de saxofone tenor, participando de ensaios, apresentações, e outras atividades relacionadas a banda. A banda foi uma das referências como espaço formador, e com isso, foi possível ingressar no Curso de Licenciatura em Música, devido a formação e ao incentivo recebido de professores para seguir carreira musical.

Sobre as bandas de música, desde o século XIX têm exercido um papel importante na sociedade tanto para o desenvolvimento artístico, como para o desenvolvimento cultural. Presente em muitos municípios brasileiros, as bandas de música são grande influência na formação de crianças e jovens músicos, onde é, geralmente, um espaço de inicialização na música e de estudo e aperfeiçoamento na prática instrumental. Através das bandas, pode-se alcançar um fazer musical diferenciado daquele que é alcançado em outros ambientes musicais. Como esclarece Wendt (2013, p.13), “a banda de música sempre foi uma referência importante na formação de novos instrumentistas em nosso país, principalmente, na área de instrumentos de sopro e percussão”. Nas bandas de música, pode-se conhecer diversos instrumentos, repertórios tradicionais da região e internacionais e, geralmente, as práticas de ensino do instrumento nesse ambiente são coletivas. Além de aspectos musicais, o ensino nas bandas traz também aspectos sociais, pois as práticas coletivas proporcionam interações entre os indivíduos.

Segundo a Fundação Nacional de Artes - FUNARTE (2021), “no Brasil, fruto de uma tradição musical que remonta aos tempos coloniais, as bandas de música têm funcionado como uma porta de entrada e uma alavanca da criação musical do país, revelando grandes maestros, compositores e instrumentistas”. De acordo com os dados sobre bandas de música da FUNARTE (2021), além de estarem presentes em muitos municípios brasileiros, no estado de Santa Catarina há 98 bandas registradas, sendo 3 destas localizadas em Florianópolis. Dentre estas três bandas, a Sociedade Musical Filarmônica Comercial, banda em que atuam as duas musicistas participantes da pesquisa, se destaca por ser a banda mais antiga da cidade, e a segunda mais antiga do estado de Santa Catarina. Fundada em outubro de 1874, atua de forma ininterrupta até os dias atuais em diversos eventos culturais de grande importância para a cidade. Esses dados fazem parte apenas dos registros da FUNARTE, mas sabe-se que atualmente o número de bandas em Santa

Catarina cresceu muito, porém a maioria não está registrada, o que de certa forma dificulta um pouco o acesso ou contato com as mesmas. Kandler (2011, p.14), em sua dissertação sobre bandas do meio oeste catarinense, comenta sobre o trabalho que vem sendo realizado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), em relação ao cadastramento de “bandas e fanfarras de todas as modalidades, de entidades públicas e privadas” e que “foi divulgado que a quantidade de bandas e fanfarras, em todas as modalidades, em atividade no Estado de Santa Catarina é superior a 600 grupos”. Para se ter uma ideia da imprecisão dos números registrados na FUNARTE, a autora relata que das 18 bandas pesquisadas, apenas cinco estavam cadastradas nos registros da FUNARTE.

## **A Sociedade Musical Filarmônica Comercial**

A Sociedade Musical Filarmônica Comercial, fundada no dia 11 de outubro de 1874 é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada por músicos e pelo apoio dos comerciantes locais, que além de desenvolver atividades musicais que beneficiam e encantam os cidadãos florianopolitanos, tem como objetivo e finalidade, conforme a alteração e atualização de seu estatuto social em 2010, no Artigo 4º, Parágrafo 1:

I - a execução de programas e projetos de estímulo ao desenvolvimento das artes musicais, no segmento de filarmônica em particular, através de atividades de cunho educativo, artístico e sociocultural, bem como do resgate e difusão de conhecimentos e técnicas tradicionais e alternativas, do saber científico e da democratização e acesso às tecnologias específicas de informação;

II - o intercâmbio com instituições de ensino e com entidades artísticas, científicas e socioculturais, nacionais, estrangeiras e internacionais, visando troca de experiências e de informações, cooperação e divulgação nos âmbitos da produção e da promoção artístico-cultural, técnica e científica, com ênfase na área de música;

III - o ensinamento musical, ministrado gratuitamente, com enfoque no desenvolvimento dos valores e talentos locais;

IV - a participação em eventos em geral, promovendo concertos e apresentações em logradouros públicos. (SOCIEDADE MUSICAL FILARMÔNICA COMERCIAL - ATA DE ALTERAÇÃO DO ESTATUTO, 2010)

Desde a sua fundação, a sociedade exerce diversos serviços à comunidade, desde ensino musical a apresentações em eventos políticos, sociais e religiosos, fazendo parte da história de Florianópolis, devido a sua longa trajetória de serviços prestados à cidade. Atualmente, sua sede está localizada no Centro de Florianópolis, na Rua Bento Gonçalves, 138. Segundo o Decreto Nº 270/86, dos registros de tombamento municipal, a sede da Banda foi tombada como Patrimônio Histórico e Artístico do Município no dia 30 de dezembro de 1986. Em 2012, a Banda passou por uma reforma, onde teve seu espaço melhorado para as aulas de música, e para a inauguração, foi feita uma apresentação, contando com a presença dos músicos, familiares e pessoas da comunidade.

## Tocando na Banda

A Banda conta com músicos de diversas idades e profissões, moradores de diversos bairros de Florianópolis e da região continental. A maioria dos integrantes são alunos que iniciaram no Projeto Banda Escola (projeto que era realizado na sede da banda com apoio do governo), e que ainda permanecem como musicistas na Banda, composta por diversos instrumentos de sopro (madeiras e metais) e percussão. Nos naipes de sopros há instrumentos do naipe das madeiras como o saxofone alto e tenor, flauta transversal, clarinete, e no naipe de metais há bombardino, trombone, trompete e tuba. Na percussão há a bateria e outros instrumentos de percussão como caixa, bumbo, triângulo, surdo, agogô, xilofone, entre outros, sendo apenas o xilofone o instrumento percussivo com altura definida.

A tabela abaixo indica quais instrumentos (separados conforme sua classificação) fazem parte da Banda e o número de instrumentistas.

**Tabela 1:** Classificação dos instrumentos da Banda Filarmônica por naipe e o número de instrumentistas em cada instrumento.

| Madeiras       | N° | Metais           | N° | Percussão           | N° |
|----------------|----|------------------|----|---------------------|----|
| Saxofone Tenor | 4  | Trombone de Vara | 1  | Bateria e Percussão | 4  |

|                    |   |            |   |
|--------------------|---|------------|---|
| Saxofone Alto      | 4 | Bombardino | 2 |
| Clarinete          | 5 | Trompete   | 2 |
| Flauta Transversal | 3 | Tuba       | 1 |

Fonte: Elaborado pelas autoras

Conforme a tabela acima, podemos observar que há 26 músicos participantes na Banda. Os instrumentos estão divididos por naipes de madeira, metal e percussão, sendo que 16 músicos atuam no naipe das madeiras, sendo 2 mulheres e 2 homens no saxofone tenor, no saxofone alto apenas homens, no clarinete 4 mulheres e 1 homem e na flauta transversal 3 mulheres, totalizando assim, 9 mulheres e 7 homens nesse naipe. No naipe dos metais, dentre os 6 músicos, uma mulher no trombone de vara, uma mulher e um homem no bombardino, dois homens no trompete e um homem na tuba, totalizando neste naipe 2 mulheres e 4 homens. E, por fim, na percussão, 2 homens e 2 mulheres. A relação de integrantes acima representa o grupo que estava frequentando os ensaios até 2020. Nessa contagem, podemos observar que na Banda há o mesmo número de homens e mulheres, considerada uma média acima em relação a outras bandas brasileiras. Acredita-se que esse equilíbrio, possa ser influência da formação dos professores e maestros, que buscam constantemente aperfeiçoamento e que não fazem diferenciação na seleção e entrada de mulheres na Banda. Porém, ainda podemos observar que há alguns instrumentos em que o número de mulheres ainda é menor ou até mesmo nulo, o que mostra que ainda há uma preferência na escolha do instrumento por parte das mulheres, preferência essa que pode ter origem externa a banda, ou até mesmo pelo formato do instrumento, que em alguns casos é considerado mais adequado ou não para mulheres.

Sobre o repertório, geralmente é escolhido pelo maestro. Os arranjos são feitos com base na disponibilidade dos instrumentos e no nível musical dos integrantes. A Banda possui um arquivo de repertório antigo, que em alguns momentos é utilizado, e com base nesse repertório, são feitos rearranjos para o grupo. Outra forma de escolha dos arranjos, é pela influência musical do momento, ou seja, alguma música que está presente nas paradas de sucesso atual e existe já um arranjo para banda, que pode ser comprado pela internet ou disponibilizado

por algum músico. Quando é introduzido um novo arranjo no grupo, são feitas algumas etapas até o momento de os instrumentistas tocarem todo o arranjo. Fazem parte deste repertório arranjos tanto da música brasileira (nacionais e regionais) como internacionais. Um exemplo disso são os arranjos do Hino Nacional Brasileiro, Rancho de Amor a Ilha, que é considerado o hino da cidade de Florianópolis, do compositor Zininho, e *Stand By Me*, que estão presentes no repertório da Banda. Em algumas ocasiões, como festas religiosas e tradicionais, a banda toca marchas e dobrados, como Dois Corações, do compositor Pedro Salgado, e *Maple Leaf March*, e algumas marchas religiosas como Quão Grandes És Tu, A Barca e Pelos Prados e Campinas.

Abaixo há uma breve descrição das etapas que são realizadas quando um novo arranjo é passado para o grupo:

1° - O maestro entrega as partes impressas para os músicos e coloca o *playback* do arranjo, se tiver, para que possam ouvir e ir acompanhando tanto visualmente como instrumentalmente, para os que já consigam.

2° - É feita uma breve análise do arranjo (compositor, tonalidade, acidentes, partes).

3° - Cada naípe toca a sua parte, ou os instrumentos que fazem a melodia tocam e depois os que fazem o acompanhamento. Após todos terem tocado suas partes separadamente, todos tocam juntos.

4° - São observados aspectos como dinâmicas e articulações. As etapas são realizadas com a supervisão e orientação do maestro. Quando há alguma apresentação agendada, o ensaio é voltado para o repertório da apresentação. Em alguns casos, são feitos alguns ensaios extras ou o horário do ensaio é estendido. A maioria dos instrumentistas já possuem um bom domínio de seus instrumentos e da leitura de partitura, visto que muitos já fazem parte do grupo há alguns anos.

Normalmente, o processo de ingresso na Banda se dá por convite, ou seja, um músico tem conhecimento da Banda através do contato com integrantes da mesma, postagens em redes sociais, ou a partir de audições de algum evento do qual a Banda participou, então o ouvinte então entra em contato com alguém da Banda, ou até mesmo comparece ao ensaio. Para ingressar na Sociedade Musical Filarmônica Comercial é necessário ter pelo menos um nível básico de domínio no instrumento, devendo prioritariamente ter seu próprio instrumento, ou caso a

Banda tenha o instrumento disponível, o novo integrante pode utilizar um exemplar do acervo disponibilizado para esse fim. Os alunos que possuem instrumento emprestado, podem leva-lo para casa, desde que assinem um termo de compromisso, em que o aluno adquire total responsabilidade pelo instrumento, seu cuidado e manutenção.

Durante o ano, acontecem diversas apresentações na Banda. Algumas em locais públicos abertos, como praças, ruas, e outras em locais fechados, como teatros. A Banda já fez apresentações em diversos locais importantes em torno da cidade, como na Praça XV de Novembro, Palácio Cruz e Souza, CIC (Centro Integrado de Cultura), entre outros. A Banda tem, além do desenvolvimento musical e pessoal, um objetivo social, participando de diversas procissões, cortejos religiosos ao longo do ano, sendo uma delas de grande importância para a cidade de Florianópolis, a Procissão do Senhor dos Passos. Considerada uma das mais tradicionais procissões do país e Patrimônio Imaterial do Brasil, conta com mais e 250 anos de história. Segundo Holler e Pires,

Em abril de 1878, os jornais O Despertador, O Conservador e A Regeneração noticiaram a participação das bandas Recreio Josephense, Lyra Artística Catharinense, Amor à Arte, Philharmonica Commercial e Trajano tocando durante o trajeto da procissão do Senhor dos Passos. (HOLLER; PIRES, 2008, p.647).

Sendo a Philharmonica Comercial um dos nomes antigos da Sociedade Musical Filarmônica Comercial. Em todos os anos é realizado um concerto de câmara, onde os integrantes podem formar pequenos grupos ou de forma individual, e tocam arranjos escolhidos por eles ou sugeridos pelo maestro. As apresentações e os concertos tem se constituído uma das principais motivações para os integrantes continuarem participando da Banda.

Sobre as atividades da Banda, a única atividade que ainda é realizada na sua sede são os ensaios em grupo, que acontecem aos sábados das 10h às 12h, no centro da cidade. Nesse horário, os músicos ensaiam as músicas do repertório, tanto as novas como as antigas. Caso algum músico queira realizar algum ensaio com o seu naipe, ele pode solicitar ao maestro algum outro horário e utilizar a sede para tal. As aulas que aconteciam durante a semana pararam de acontecer mais ou menos na época em que o Projeto Banda Escola parou de receber verba do governo. Porém, desde o início da pandemia do Covid-19, em março de 2020, pela

decretação de *lockdown* em Florianópolis e, pela necessidade de observação dos cuidados sanitários e da não aglomeração em ambientes fechados, as atividades da Banda foram suspensas e assim permanecem até os dias atuais. A Banda Filarmônica considerou inviável as atividades desenvolvidas em forma on-line, diferentemente de outras instituições e grupos musicais coletivos tais como práticas de orquestras e outros conjuntos musicais que continuaram suas atividades em ambiente remoto.

## Ser musicista mulher na Banda Filarmônica

Sobre a participação de mulheres nestes espaços de educação musical, Moreira (2013, p.12) em sua tese sobre mulheres em bandas de música, foi “em busca de respostas que justificassem a escassez de trabalho científicos sobre o tema e o hiato temporal da presença feminina nestas agremiações”. Assim, buscou fazer um levantamento dos trabalhos que traziam esta temática, a fim de “abordar o papel sociopolítico, educativo e artístico da presença das mulheres em grupos filarmônicos”. O autor considera importante trazer estes questionamentos por acreditar que:

“[...] grupos filarmônicos contribuem para a preservação educacional, composicional, instrumental e, principalmente, musicológica, na música científico-acadêmica sendo fonte para análise de tal participação, do desenvolvimento pedagógico e conseqüentemente sobre as oportunidades profissionais para mulheres em relação ao crescimento performático e de ascensão das mesmas nestes grupos centenários”. (MOREIRA, 2013, P.1)

A tese de Moreira teve seu foco em bandas de música no Nordeste do Brasil e no Norte de Portugal, porém, podemos trazer esta mesma problemática para bandas mais próximas e presentes na nossa cidade, que é o caso da banda que se refere Alves (2013) em relação ao seu trabalho sobre a Sociedade Musical Filarmônica Comercial, que é sobre a banda em questão neste trabalho. Como vimos na Banda Filarmônica, nas últimas décadas tivemos registro da participação feminina, porém, com maior número em determinados instrumentos específicos como clarinete e flauta, que pertencem ao naipe das madeiras, e nos de metais e percussão em menor número. Segundo Alves (2014):

Não há registros anteriores ao ano 2000 que indiquem que tenha havido, ao longo da história da banda, integrantes do sexo feminino, o que sugere que, como em outras profissões e contextos sociais da época, não havia um grande encorajamento à participação feminina na banda. No entanto, partir do ano de 2000, percebe-se que a mentalidade da diretoria da banda começou a mudar em relação a essa questão. O site do jornal ANcapital através de uma reportagem do jornalista Jeferson Lima realizada no ano 2000, faz menção ao número de 25 integrantes na Banda Comercial, entre eles seis moças com idade entre 17 e 20 anos (ALVES, 2014, p. 19).

Assim, apesar da nota publicada em jornal local e mencionada por Alves, não tivemos acesso a outros registros documentados da participação de mulheres na Banda nos anos anteriores a 2000. Porém, entrando em contato com uma antiga integrante que disponibilizou acervo de fotos da época em que ela participava da Banda, foi possível identificar que nas imagens havia registro de algumas mulheres e seus instrumentos, contudo nessas fotos não havia o registro do ano em que foram tiradas. Conforme mencionamos anteriormente, em comparação com os registros atuais, o número de mulheres na Banda cresceu.

Para compreendermos como é ser musicista mulher na Banda Filarmônica convidamos três participantes que atuam a mais de 12 anos na instituição. Destas, apenas Ana e Beatriz (nomes fictícios dados as participantes) concordaram em participar da pesquisa. Foram levados em consideração alguns critérios para a escolha das participantes, como tempo significativo de permanência na banda, envolvimento com a banda e atuação musical externa a banda. Ana tem 24 anos e toca trombone de vara e Beatriz por sua vez tem 28 anos e toca flauta transversal.

A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas com questões abertas, pois permitiria uma fala mais espontânea, em que os dados foram emergindo de modo a contar as suas histórias dentro do contexto da instituição. O contato com as musicistas para a aceitação da participação nas entrevistas foi feito por mensagens de *WhatsApp* e *Instagram*, da mesma forma que o agendamento das entrevistas, devido a impossibilidade de realizar encontros presenciais por causa da pandemia do Covid-19. As entrevistas foram realizadas nos dias 18 e 22 de dezembro de 2020, através da plataforma *Zoom Cloud Meetings*.

Ana menciona que faz pouco tempo que começou a pesquisar sobre outras trombonistas, e que a maioria dos trombonistas que ela conhece na cidade são homens, assim como a maioria dos músicos que tocam instrumentos de metal, “[...] talvez por ter essa relação de ser considerado um instrumento meio bruto, e

aí não se encaixava assim no perfil feminino, tocando esse tipo de instrumento”. Desta forma, quando ela conta para alguém que toca trombone de vara, ficam surpresos, “[...] realmente é uma coisa que quase não se vê, ou nos locais visíveis para a população, não tem muitas mulheres tocando trombone”. Conclui ainda que as bandas de música vieram das bandas militares, e que antigamente as mulheres não serviam o exército.

ANA: Às vezes você conhece uma pessoa que diz que o avô tocava na banda, ou algum parente tocava na banda porque serviu, e todo mundo tem alguém na família assim que uma vez já tocou em banda, aprendeu um instrumento, mas sempre é um homem, porque participava de banda militar. E eu acho que tem um pouco essa relação da entrada das mulheres nas forças armadas, onde tem as bandas militares quebrando um pouco isso, e tem pouco tempo a entrada das mulheres nas forças armadas, e depois ainda que entraram as mulheres nas bandas das forças armadas. É uma coisa bem mais recente. Então tem essa relação, desse ambiente de banda ter sido construído desta forma, pela banda militar que era majoritariamente de homens, a ainda carregando esses sinais de terem mais homens do que mulheres nesses espaços. (TRECHO DE ENTREVISTA EM 18 DEZ. 2020)

Para ela a presença feminina nesses espaços ainda é menor do que a masculina, e que ainda existe um certo preconceito sobre mulheres tocando em bandas.

ANA: Demorou um tempo para alguém me convidar para gravar um trombone, em alguma música, ou tocar em algum lugar que não seja a Banda. Teve algumas oportunidades, mas também não era aquela coisa, as vezes tem trabalho, mas são as mesmas pessoas que fazem, e as indicações são sempre masculinas. Às vezes tive a oportunidade de tocar por indicações de professores, mas sempre para vagas de substituto do substituto. (TRECHO DE ENTREVISTA EM 18 DEZ. 2020).

Ana reconhece que não se considera uma trombonista profissional, mas que isso pode ser reflexo de uma falta de estímulo ou oportunidade devido a esse preconceito. Considera também que “muitos ambientes onde se toca música popular são ambientes noturnos, e por isso não chamam as mulheres, e quando chamam, é para assistir, não para tocar”. (TRECHO DE ENTREVISTA EM 18 DEZ. 2020).

Sobre ser uma musicista e tocar em bandas, Beatriz conta que quando começou a tocar na Banda, era alvo de muitas piadas de mau gosto por pessoas de fora da Banda, e que havia também críticas pela escolha do instrumento estar

relacionado ao fato de ser menina ou menino, ou seja, “[...] tinha muitos comentários tipo: a flauta é de menina, você pegou a flauta porque é delicado, é coisa de mulher”. Mas dentro da Banda não havia muito esse tipo de reação por parte dos alunos. Algo semelhante ocorreu também quando Beatriz ingressou na universidade de música, onde numa turma de uns 30 alunos, haviam em torno de 4 mulheres. As vezes era perceptível que pelo fato de ser mulher, recebia um tratamento diferenciado, fosse ele negativo ou positivo. Reconhece que “[...] é um ambiente que tem predominância de homens”. O mesmo acontece nos espaços onde ela já trabalhou, como no mundo da trilha sonora para games. Com relação a isso Beatriz afirma:

BEATRIZ: [...] de todos os indicados a melhor trilha sonora, não tinha nenhuma mulher, e em palestras você vê 30 palestrantes e uma mulher, aí é sempre assim”. Outra situação que me senti desconfortável em relação a isso é quando recebo pedidos para aulas de música, [...] sempre fico com um pé atrás quando vem homem pedir aula particular em casa. (TRECHO DE ENTREVISTA EM 22 DEZ. 2020).

As narrativas das duas musicistas reforçam que ainda há um certo preconceito da presença de mulheres nesses espaços. O que pode indicar que a tradição militar e a presença muito maior de homens nessas instituições musicais ainda são bastante fortes no contexto brasileiro. A partir disso, surgem alguns questionamentos: Como amenizar esse preconceito e quais soluções para que esse preconceito não se mantenha? Mulheres atuando com maior frequência como professoras de instrumentos e regendo bandas de música, podem servir de influência positiva para o ingresso de novas meninas e meninos nessas instituições musicais. Assim como aponta Moreira, “a continuidade da investigação feminina em Música é necessária, seja ela sob o ponto de vista quantitativo ou no que concerne à sua atuação de *performance*, independente do tipo instrumental, composicional, educacional ou musicológico” (2013, p.299). Pois a partir desta continuidade, espera-se que haja um maior reconhecimento e acesso de mulheres nos espaços de formação em bandas e em outras diversas áreas da música. Como as próprias entrevistadas revelam, há de que se perseverar e assumir o papel de novas formadoras e educadoras musicais.

## Considerações

Através da pesquisa foi possível conhecer e entender um pouco mais sobre este espaço de formação musical que é a banda de música, e como é tocar na Banda. Além de trazer um breve histórico e uma descrição das atividades, repertório e apresentações, foi possível também observar alguns processos de aprendizagem utilizados na Banda Filarmônica Comercial, como os ensaios de naipe e as práticas coletivas, além de aulas teóricas e de leitura de partitura.

Os relatos das instrumentistas sobre como é ser musicista dentro da Banda de Música, revela que ainda há um certo preconceito sobre mulheres tocando em bandas de música, e que a categorização dos instrumentos musicais ainda é baseada, em alguns casos no gênero feminino ou masculino, ou seja, “menina toca o mais delicado e agudo, e menino toca o mais bruto, pesado, grave”. Mesmo que atualmente, a banda possua um número igual de instrumentistas mulheres e homens, o número de homens em determinados instrumentos mais graves é maior, e naqueles mais agudos e leves são os que geralmente são “escolhidos” pelas mulheres. Levando em consideração os questionamentos levantados em relação a soluções aos preconceitos, vemos então a importância de uma continuidade na pesquisa sobre esta temática, afim de apontar mais soluções para o reconhecimento e acesso feminino nestas instituições de formação musical.

## Referências

ANA. [Entrevista cedida as autoras]. Florianópolis, 18 dez. 2020.

ALVES, Edson Abílio. PROJETO BANDA ESCOLA DA SOCIEDADE MUSICAL FILARMÔNICA COMERCIAL: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Música. Florianópolis, 2014.

BEATRIZ. [Entrevista cedida as autoras]. Florianópolis, 22 dez. 2020.

BIONI, Bianca Guerra. TOCANDO NA BANDA DA SOCIEDADE MUSICAL FILARMÔNICA COMERCIAL: NARRATIVAS DE DUAS MUSICISTAS, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música (UDESC), Florianópolis.

DECRETO MUNICIPAL Nº 270/86: Disponível em: < [http://www1.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/2200/tombamento\\_municipal\\_\\_\\_1986.pdf](http://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2200/tombamento_municipal___1986.pdf) >.

FUNARTE, Fundação Nacional de Artes. PROJETO BANDAS DE MÚSICA. Disponível em:< <https://www.funarte.gov.br/projeto-bandas-2/> >. Acesso em fevereiro/2021.

HOLLER, Marcos; PIRES, Débora Costa. Atuação das sociedades musicais e bandas civis em Desterro durante o Império. DAPesquisa, Florianópolis, v.3, n.5, p.640-650, 2008. Disponível em: < <https://doi.org/10.5965/10.5965/1808312903052008640> >.

KANDLER, Maira Ana. BANDAS MUSICAIS DO MEIO OESTE CATARINENSE: CARACTERÍSTICAS E PROCESSOS DE MUSICALIZAÇÃO. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2011. 168 f. Universidade do Estado de Santa Catarina.

MOREIRA, Marcos dos Santos. MULHERES EM BANDAS DE MÚSICA NO NORDESTE DO BRASIL E NO NORTE DE PORTUGAL. 2013. 443f. Tese (Doutor em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SOCIEDADE MUSICAL FILARMÔNICA COMERCIAL. ATA DE ALTERAÇÃO DO ESTATUTO SOCIAL, julho de 2010. No prelo.

WENDT, João Almir. BANDA DE MÚSICA DE SANTO AMARO: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE NOVOS MÚSICOS, 2013. Trabalho de Especialização em Educação Musical (UNIVALI), Itajaí.